

MUNDO ASSOMBRADO

*Mário Miranda Filho*⁴

Nilo acabou de se aposentar no serviço público e tenciona realizar novos projetos de vida para torná-la mais saudável e suportável, visto que nos últimos anos entrara em conflitos existenciais que se agravam dia a dia. Contudo, observou que seus ex-colegas de trabalho e alguns poucos amigos, muitos deles também passavam por vários e incontáveis transtornos de ordem existencial, a questionar tudo e a todos, próprios da época em que vivemos, com todas as suas contradições. Os filhos bem criados e bem nutridos já se preparavam para se encaminharem na vida, cada um com a decisão tomada desde há muito tempo sobre a profissão que deveria abraçar, não lhe davam assim, muitas preocupações nesse aspecto, pois de outra forma causam muitos transtornos e angústias pelo que lhes poderá ocorrer. Violência de toda ordem, drogas, desemprego, falta de amor ao próximo e de compromisso com a vida lhe parecem ser a tônica do presente. A aposentadoria, a par dos recursos que adquiriu com a prática da usura desmedida quicá lhe proporcionasse conviver com tudo isso para tentar amenizar o sofrimento das pessoas próximas e de si próprio e pensou em entrar para uma ONG, mas sempre adiou tal projeto, principalmente quando fora informado que para tal fim deveria contribuir com dinheiro, o que não era de sua índole.

Tentando burlar o drama existencial juntou grande parte das economias e adquiriu um apartamento novo, com áreas de lazer, varandas, piscina, sauna e o mobiliou a gosto com a mulher Luíza, o que lhe causou muita alegria nos primeiros meses. A paisagem que incluía o mar, montanhas e lagos, fez-lhe ver, algum tempo depois,

⁴ Mário Miranda Filho é Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Ceará, exercendo suas funções em Fortaleza.

nos momentos de profunda solidão, com o uso de uma luneta, que por aquelas paragens vivia muita gente que sofria fome, desemprego, violências que as autoridades tentavam mascarar a toda hora, apesar de tais dramas se esparramarem de quando em vez para outros lugares como ondas desenfreadas e não aparecerem mais só com o uso de lentes especiais. Agora apareciam a olho nu em todos os locais, em alguns mais que em outros. Voltou a pensar em ingressar numa ONG.

Certo é que todo o seu drama existencial se agravava. Agora tinha medo de tudo e de todos. De entrar em agência bancária, de andar na rua a pé ou de carro, de ser atingido por uma bala perdida, de sofrer violência no trânsito, de ser assaltado na rua ou em casa... e do que poderia acontecer com a mulher e os três filhos, dois homens e uma mulher “que se preparavam para a vida”. Que vida? Às vezes perguntava a si próprio. Não saía mais de casa à noite e as saídas diurnas, como pagar alguma conta amiudavam.

Procurou auxílio de psicólogo e psiquiatra que diagnosticaram que Nilo estava possuído da síndrome de pânico. Mas tanto um quanto outro ao tomar conhecimento de que o paciente procurava auxílio de dois profissionais, concomitantemente, tentava afastar um ao outro, o que Nilo tomou como uma forma de violência. E dada a confusão que se estabeleceu na sua mente chegou até a pensar no encontro dos dois que chegariam às vias de fato devido a divergências conceituais. Procurou saber qual a percentagem de pessoas atingidas, quais as consequências, a sintomatologia, a maneira de cura, sendo informado, com ligeiras variações de que a síndrome de pânico, como a conhecemos, começou a atingir timidamente parte da população dos países diretamente envolvidos na Segunda Grande Guerra. Num crescendo, já atinge cerca de 15 por cento da população mundial, com curva ascendente, dando origem a várias doenças neurológicas além de desajustes sociais mormente familiares. Os profissionais, como seria

de esperar apenas lhe diziam o óbvio: Que vivemos numa sociedade violenta com a qual temos que conviver, devendo, no entanto, tomarmos algumas atitudes e precauções para que não sejamos vítimas ou autores de violências. Em princípio todas as pessoas são boas e ordeiras pelo que não as devemos ver como más. O que não mudou muita coisa; talvez coisa alguma.

Ao retornar de uma das consultas à noite, coincidentemente dia de seu aniversário de que dispensou qualquer comemoração o noticiário da televisão lhe sufocou:

- Bandidos roubam e matam casal na Lagoa Redonda
- Preso traficante com seis quilos de cocaína
- Marido mata mulher a facadas no Tancredo Neves
- Bala perdida mata criança na Sabiaguaba
- Briga de trânsito acaba em tragédia
- Polícia descobre casa de prostituição infantil
- Ladrões invadem apartamento e fazem reféns
- Governo é contra a CPI da corrupção, afora fatos corriqueiros como pequenos furtos que não chamam mais atenção. Tudo isso num único noticiário.

Chegou a encetar projeto de adquirir pistola automática e revólver calibre 38: só assim acabaria com o medo, imaginou. Foi comunicar o projeto à mulher e em meio ao diálogo fora incisivo:

- Luíza, eu tenho que comprar essas armas para nos defender. É a solução lógica. Todas as pessoas estão se armando.
- Compra não, redarguiu a mulher. Arma não defende ninguém., Coloca- nos em perigo e traz desgraças.
- Que nada mulher, objetou, agora com pronunciada impaciência. Já vi até nos classificados dos jornais, armas de primeira, de defesa.

- Não existe arma de defesa, interveio a mulher. Toda arma é de ataque. E se as pessoas estão se armando estão aumentando as mortes e todo tipo de violência, o que colocou o marido em repentina dúvida. Notando a indecisão passou a fazer mais digressões sobre o tema. Proíba-se o porte e o uso de qualquer arma e o crime diminuirá sobremaneira, condenando-se severamente o infrator. Iam sobrar apenas murros e tabefes. Na minha maneira de ver, continuou, até a polícia deveria ser desarmada, salvo em ocasiões especiais.

Você disse, Nilo, que já viu oferta de armas até nos classificados dos jornais. Ora, o mesmo jornal que alardeia a exploração do trabalho infantil emprega crianças na distribuição diária de seus exemplares. São as contradições do Capitalismo, findou Luíza com a autoridade de ex-aluna de Ciências Sociais. Nilo calou-se, mas o projeto fervilhava em sua mente, arquivado, por enquanto.

Estava cada dia mais taciturno. Por vezes era encontrado na janela no 25º andar de seu apartamento a espreitar algum vulto. Olha lá, Luíza, vem, corre. Aqueles dois são assaltantes e parece que vão entrar no nosso edifício. São apenas transeuntes, disse Luíza, sem muita convicção. Deixe de procurar chifre em cabeça de cavalo. Depois de olhar atentamente, ela agora com os filhos, todos tomados pela síndrome do pânico, não tanto quanto Nilo que vivia dizendo insistentemente para que os filhos não falassem e nem aceitassem nada de estranhos, só andassem de carro com os vidros fechados, não frequentassem bairros pobres ou favelas, como se os pobres fossem responsáveis únicos por toda essa violência que anda à solta por aí, sem atentar para a corrupção governamental em todos os níveis que está na origem de toda a violência, com desvio de recursos da saúde, educação, geração de emprego e infraestrutura. Daí a pobreza.

Chegou a cogitar retornar para o interior de onde nunca deveria ter saído, mas ao expressar seu desejo à mulher, esta fora enfática. “Não

vamos não. Tudo que acontece de ruim aqui acontece também lá.” E lembrou que o proprietário do Sítio Sabiá, vizinho ao de seus pais, o Mato Grande, fora assaltado e morto dentro de casa. Afora muitas violências que se contam amiúde daquele outrora bucólico interior.

O tempo ia passando e mais ficava enigmático, taciturno, desconfiado de tudo e de todos. Às vezes era invadido por períodos de ciclotimia. A mudança de um funcionário do condomínio era motivo de especulação e ilações. Achava que cometera roubo ou furto. Se não fora aqui fora lá fora, dizia. Contratou uma empresa para instalar uma parafernália de instrumentos eletroeletrônicos que fecham e abrem portas e janelas, sensores, câmeras de vídeo, controle remoto que a seu ver e da empresa vendedora torna a casa indevassável. Na verdade Luíza notou que tais instrumentos davam mais trabalho que conforto visto que costumavam enguiçar e deixar as pessoas ora sem poder entrar ora sem poder sair, sendo necessário, na maioria das vezes recorrer aos técnicos da empresa. Eram prisioneiros na sua própria casa. Assim lhes obrigou a vida em sociedade. E pensava e indagava à mulher e aos filhos se os funcionários da empresa não utilizariam tudo aquilo para praticar roubos. E aproveitou o momento para discorrer que um fabricante de cofres retornava depois de vendê-los para roubar os compradores. E relatou também que nem os doentes escapam da violência, da cupidez e da insensibilidade humana. Os jornais diziam que morriam mais enfermos em termos relativos em certos hospitais que em outros. E o jornalismo investigativo descobriu que muitos profissionais de saúde eram sócios de casas funerárias o que causou certo estremecimento à mulher e aos filhos que sofriam com a situação do pai e percebiam que a mãe apresentava também algum desvio de conduta. Mulher que sempre fora segura e destemida agora vivia assombrada.

Sequer conseguia conciliar o sono. Dormia por pequenos lapsos, intercalando sono e insônia. Sonhos, praticamente não mais os tinha.

Pareciam muito mais a pesadelos. E na ânsia renitente se levantava e se dirigia à geladeira, comia e bebia alguma coisa, ia à varanda e não via beleza alguma na madrugada. Cães latiam e uivavam por todos os lados num coro estranho e descoordenado que prenunciava uma madrugada trágica. Não mais aquelas de antanho, com casais passando abraçados, des preocupados, algum som distante de seresta, os galos cantando para o sol nascer. Não, o que ele mais ouvia eram os cães infernais, alguma sirene de polícia ou ambulância ou ambas, sufocando e desencantando a noite. Não há mais poesia nas madrugadas. E se as há são poesias incompletas, pequenas, pobres. Observou que os cães parecem cumprir contrato de trabalho. Latem mais quando o dono está em casa ou acaba de chegar, para mostrar serviços, pagar o rango. Sabem, por instinto que aí reside a sua utilidade, a razão de estarem vivos. Prestam um serviço pelo qual são recompensados. No dia em que deixarem de prestá-lo serão despachados, inapelavelmente.

Abre a televisão mas constata que a programação é péssima. Em vários canais pregadores católicos e protestantes e até uma cigana disputam a atenção dos insones, doentes como Nilo, presas fáceis da mistificação, inocentes que poderão ser úteis aos pregadores e aos seus projetos, com o mesmo discurso através dos tempos previsões e promessas que nunca são cumpridas. Desliga a televisão e volta à cama mas antes vai à geladeira, come e bebe alguma coisa. Sente-se pesado e reconhece que está fora de forma, adiposo. Precisa controlar o peso. A muito custo dorme e acorda, acorda e dorme. Ainda bem que amanhã é feriado. Não irá a médico algum. Se se sentir melhor talvez vá com a mulher visitar parentes. Levanta novamente ao escutar um longo e desesperado grito na madrugada que provocou alvoroço nos cães que aumentaram o ritmo dos latidos. Foi até a varanda, mas nada viu além de pessoas nas janelas dos prédios vizinhos procurando ver alguma coisa embaixo. Mas o grito perdeu-se, sumiu. Jamais se saberá daquele grito. Mas é certo que ele queria dizer alguma coisa.

No nascente a madrugada se cobre de cor púrpura. É a manhã que se anuncia, mas Nilo não nota a beleza e retorna à cama.

Surpreendentemente Nilo melhorou de seus temores que arrefeceram como por encanto. Quiçá pelo auxílio do psicólogo e do psiquiatra, fato que contribuiu para o alívio de toda a família que passou a se sentir mais segura. E aquele mês de dezembro estava sendo muito alegre e festivo para a família que participava diuturnamente com doações substanciais de alimentos à campanha Natal sem Fome. Envolveu-se tanto na cooperação que além de alimentos passou a doar fogões, salas, banheiros e até casas modestas aos pobres. Fora uma das poucas oportunidades em que deixara de lado o egoísmo exacerbado e oferecera muito de si aos necessitados. Um sobrinho de Nilo ao tomar conhecimento da mudança repentina do tio, com a autoridade de estudante aplicado de Filosofia do Direito disseminou entre os familiares e amigos que o tio “está pagando apenas parte de seu débito social, que não é pouco. Encontrou a sua remissão. O Estado, para cobrar o que lhe devem tem os seus publicanos. Já a sociedade, a sua parte mais carente, desassistida não tem agentes legais para cobrar seus créditos que sequer são reconhecidos. Assim, cobra seus créditos por intermédio de meios ilegais, inclusive crimes e violências”. Deu a sua elucubração o nome de Teoria Social do Débito e Crédito. Com efeito, a maioria dos parentes com exceção da mulher e dos filhos achava que Nilo estava era louco, principalmente agora quando tentava engajar na campanha vários parentes, inclusive pai e sogro, dois conhecidos pães duros, “capazes de tirar bombom de boca de criança”, segundo um irmão que orientou, sem êxito, que a família promovesse a interdição judicial do pródigo que “estava dilapidando os bens da família”.

Inobstante, numa noite de ventos fortes, depois de retornar da padaria onde fora conduzido pelo desejo incontido de comer pão

de coco, Nilo trêmulo entra em um dos quartos, trancou-se e jogou a chave fora por uma pequena janela. Luíza, notando o atropelo o chamou por várias vezes mas não obteve resposta. Depois de procurá-lo na casa inteira lembrou-se do pequeno quarto de despejo que dificilmente era visitado mas sempre estava com a porta aberta, apenas encostada. Dessa vez não. Teve um terrível pressentimento. Ouviu-se um estampido que colocou todos em polvorosa. Mas como, se Nilo não possuía arma de fogo? pensou Luíza, exibindo gestos de extremo nervosismo.

- Abre a porta, Nilo. Vamos, abre. Deixa de pensar em besteira. Não ouviu resposta, apesar de agora chamá-lo com os filhos, todos batendo na porta de forma forte, mas com certa cadência. Os filhos homens tentaram abri-la empurrando com o corpo, inutilmente.

- É melhor chamar o zelador, ele tem um pé de cabra e vai conseguir abrir, disse um dos filhos, com dissimulada aflição para não aturdir a mãe. A filha correu ao telefone. Ao ser arrombada a porta todos se deram conta com Nilo estendido no chão, paralisado, os olhos fixos em algum ponto do infinito. Houve um alvoroço. A mulher o apalpou e disse que ainda estava vivo mas os filhos achavam que estava morto. Sangue escorria pelo piso. Houve dúvida se chamariam a ambulância ou a funerária. O filho mais velho correu ao telefone para chamar um médico que atendia em domicílio enquanto dois policiais chegavam estabados e esbaforidos, fortemente armados e ao verem a cena pararam e abaixaram as armas. Apreenderam várias armas de fogo. Uma delas matara minutos antes um rapazinho preto na padaria, que Nilo confundira com ladrão.